

PRINCIPAIS ASPECTOS DA PRIMEIRA REUNIÃO DAS “SÉRIES DE CONSULTAS PÚBLICAS” SOBRE O MODELO DE PECUÁRIA SUSTENTÁVEL NO SUDESTE DO PARÁ

Ref: Série de Consultas Públicas sobre as Perspectivas e Desafios para se Implementar um Modelo de Pecuária Sustentável na Região Sudeste do Pará

Local: Auditório da Universidade federal do Pará em Marabá – PA - Campus 1 – Folha 31 – Quadras e Lotes Especiais – Nova Marabá

Data: 11/04/2006 – 13.30 h às 18.30 h
Formato: exposições seguidas de debates orientados

Participantes – 51 participantes representantes de diversos segmentos da comunidade local

Objetivos:

Discutir as bases de um Modelo de Pecuária Sustentável para o Pará, especificamente em sua região sudeste, com atenção aos aspectos econômicos e técnicos (produtividade), sociais (valorização de entes institucionais diferenciados, seu papel e possíveis benefícios) e ambientais (ordenamento territorial e ganhos na apropriação dos recursos naturais).

Incentivar um processo participativo com o envolvimento dos diversos setores da sociedade, considerando os conflitos inerentes. Trata-se de ouvir e incorporar as contribuições e subsídios das comunidades locais, base de conhecimento local

Identificar grupos convergentes ou divergentes tendo em vista a possibilidades de formação de consensos e/ou de alinhamentos.

Iniciar a articulação institucional de entes de interesse para a implementação do modelo.

Atividades de 1º Reunião

13h30 – Abertura dos trabalhos.

- Grupo Bertin - *Daniel Furquin* – Expôs as características do Grupo Bertin, forneceu os dados das unidades e explicou os estudos que vem sendo feito para expansão do Frigorífico e planos de expansão;
- IFC – International Finance Corporation – *Maurício Athie* – Explicou o papel do IFC na expansão das dinâmicas produtivas sustentáveis nas dimensões econômica, ambiental e social e o objetivo do evento em receber as impressões iniciais das partes interessadas e aprimorar a qualidade do estudo, para auxiliar o IFC no processo decisório do financiamento deste projeto;
- ARCADIS Tetraplan – *Lidia Biazzi Lu* – Apresentou o conjunto de estudos requeridos pelo IFC, o enfoque metodológico e cronograma de atividades;
- BioRastro – *André Atanásio Cerqueira* – Descreveu os requisitos da aplicação de Boas Práticas Agrícolas e do SISBOV;
- ARCADIS Tetraplan – *Cíntia Philippi Salles* - Apresentação da Metodologia da Condução da Consulta Pública;

14.30 Palestrantes:

- *IMAZON – Instituto do Homem e do Meio Ambiente - Ritaumaria Pereira* – Explicou os processos da expansão da pecuária e seus impactos, mostrando dados de evolução e finalizou deixando um desafio para os participantes: quais os desafios para garantir a sustentabilidade da Amazônia e da pecuária em especial.
- *FAEPA – Federação da Agricultura do Estado do Pará - Jose Ferreira Teixeira Neto* – apresentou a evolução da pecuária, seus custos de produção, comparativamente a outros estados e proposição de um sistema silvipastoril, com destaque para os padrões tecnológicos.

- EMBRAPA - Alfredo Homma – apresentou a desafios para o setor agrícola na Amazônia, as alternativas de atividades econômicas e algumas atividades de desenvolvimento agrícola.

17.00 - Debates

Raimundo Gomes da Cruz Neto – Conselho de Meio Ambiente de Marabá

Estudar alternativas além da pecuária para contemplar os mais diferentes grupos sociais. Promover pecuária integrada com outras atividades para permitir a inclusão dos menores. Não conhece nenhuma política social para a região de responsabilidade do Grupo Bertin.

Ribamar Ribeiro Junior – Professor da UFPA

Cuidado para não discutir a pecuária com uma visão sulista, sem perceber as diferenças quando se trata da Amazônia. Discursos para priorizar o homem falando de pecuária não fazem sentido se não incluir outras alternativas que contemplem todos os grupos sociais, ou seja, promover o desenvolvimento integrado, a diversificação da produção.

Não usar a questão ambiental como pregação religiosa ou modismo. A Amazônia vem passando por grandes processos como o desenvolvimento regional e a concentração das guseiras.

Raul Vieira Proença – Eng. Agrônomo e Produtor Rural

O Frigorífico pode dobrar a capacidade de abate a partir da amanhã desde que divida melhor o seu lucro com os pecuaristas. Se abrir mão de um pouco do seu lucro com a exportação, consegue realizar muita coisa. A região tem vocação para a pecuária e o desmatamento na região é um fato consumado. Quando o pecuarista for melhor remunerado, poderá recuperar os pastos, investir em genética e, desta forma, produzir mais em áreas que já estão desmatadas, evitando a abertura de novas áreas. Além disso, a melhor remuneração do pecuarista leva a uma melhora na qualidade de vida de seus funcionários, já que permite o investimento em moradias e salários. O salário mínimo quintuplicou de setembro de 1998 para o ano atual. No mesmo período a arroba passou de R\$ 33 para R\$ 40, ou seja, um aumento de cerca de 20%. “Alguém ficou com a diferença!”

Orlando Roger Bandeira Lobo – Secretaria Especial de Proteção Social - SMS/SESPA - Conselho Municipal de Saúde e Meio Ambiente

Recuperar áreas que não deveriam ter sido desmatadas com castanheiras, pois existe vocação da região para a exploração da castanha. A proposta é o consórcio de pastagens com castanheiras, que exigem muita mão-de-obra na sua colheita, permitindo a geração de empregos na região.

Questões Direcionadas ao Grupo Bertin

O Frigorífico só comprará gado rastreado e de propriedades com certificado GAP? Existe alguma política para pagamento do couro se este for de qualidade?

Respostas

Daniel Furquim - Quem exige rastreabilidade e certificação é o consumidor e não o frigorífico. A denúncia que havia utilização de trabalho escravo na pecuária realizada no norte do Brasil, levou a paralisação das vendas para as grandes redes de supermercados da região sul e sudeste do País. Países que possuem custo alto de produção de carne têm interesse em colocar barreiras à entrada da nossa carne em seus mercados. Alegam a existência de trabalho escravo e desmatamento para impedir a importação da nossa carne. A rastreabilidade e a certificação vêm para driblar essas acusações. Atender as exigências garante a manutenção no mercado. O Grupo Bertin tem programas para pagar melhor os produtores certificados, mas não pelo couro.

José Ferreira Teixeira Neto - Ex-pesquisador da Embrapa, atualmente trabalha no Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Pará – FUNDEPEC. Foi palestrante nessa primeira consulta pública - Acredito ser viável o pagamento do couro para o produtor. Um pagamento “simbólico” já serviria como incentivo e a diferença de ganho com a melhoria da qualidade do couro pode ser maior que o custo do pagamento para o produtor.

Leandro Lopes da Silva - Diretor de Defesa Animal – ADEPARA - As perdas com o couro ocorrem 70% dentro da porteira, ou seja, durante o manejo na propriedade. Os outros 30-40% ocorrem entre o transporte e o manejo no frigorífico. O frigorífico deve “provocar” o produtor para que ele cuide do couro, já que a maior parte da perda em qualidade é de responsabilidade do produtor. O frigorífico não paga pelo couro porque a qualidade é ruim e a qualidade do couro é ruim porque o frigorífico não paga! Precisa quebrar esse círculo vicioso. O frigorífico deveria diminuir um pouco o seu lucro para incentivar o produtor. “Política de incentivo”.

A venda para a Arábia Saudita vai levar a um aumento no preço da arroba do boi?

Daniel Furquim - Não leva a aumento no preço da arroba pois é um mercado que busca preço e não qualidade. Existem muitos fatores que explicam a baixa cotação da arroba no mercado brasileiro, entre eles a valorização cambial e a ocorrência dos focos de aftosa no ano passado, que levou a barreiras sanitárias à exportação causando uma super oferta de gado no mercado interno. Mais um fator é a estagnação do consumo per capita no país em 36 kg de carne por habitante/ano.

Existe plano para instalação de um confinamento e de um curtume em Marabá pelo Grupo Bertin?

Daniel Furquim - Não há planos para a instalação de um confinamento pois a região não é propícia, já que ocorre um excesso de chuvas e a lama inviabiliza o confinamento de gado. Também não há planos para a instalação de um curtume em Marabá. A expansão da capacidade de abate e do grupo na região deve ser um processo lento.

Como fica a questão dos produtores que tem uma quantidade pequena de bois para vender, o frigorífico comprará em pequena quantidade?

Daniel Furquim - A quantidade de bois a ser vendida não inviabiliza o negócio. Uma carreta transporta 18 bois e a transação é mais fácil no caso de “carreta fechada”, mas quantidades inferiores a essa podem ser adquiridas desde que conversado com o setor de compras do frigorífico.

Como está a questão do licenciamento ambiental do frigorífico?

Valentina Maria Prado de Lorenzo - O frigorífico de Marabá já possui a licença ambiental e foram feitos muitos ajustes relacionados às questões ambientais desde a compra da planta pelo Grupo Bertin. Todos os equipamentos da graxaria foram trocados e, com isso, resolveu-se o problema do mau cheiro. Convido a todos para conhecerem a planta e confirmarem que o problema do mau cheiro está resolvido. Muitos investimentos nessa área estão previstos para um futuro próximo.

Comentar sobre a mortalidade de peixes do Rio Itacaúnas.

Valentina Maria Prado de Lorenzo - Esse fato é anterior a compra do frigorífico pelo grupo Bertin. Inclusive, a obtenção da licença ambiental dessa planta foi a partir da comprovação da qualidade do efluente que é despejado no Rio.

Questão direcionada a Pesquisadora Ritaumaria Pereira

Qual é o perfil dos frigoríficos? O Bertin pode influenciar a cadeia?

O perfil dos frigoríficos é muito diferenciado. Há aqueles que abatem 150 animais por dia e aqueles que abatem 1.500. Nenhum deles demonstrou interesse em pagar mais por produtos rastreados ou produzidos segundo padrões GAP enquanto não houvesse abertura da região para exportação. A influência do Bertin depende do sucesso do seu programa. Se o modelo proposto der certo, será copiado pelos demais. Não esquecer que o sucesso do programa está ligado à abertura para exportação, o que vai influenciar toda a cadeia.

Questão Direcionada ao Pesquisador Alfredo Homma

Como vai evoluir o assentamento na região?

Perdeu-se muito com a privatização da Vale de Rio Doce. Deve-se dar prioridade para o uso de áreas já desmatadas, moralização da ocupação. Desmatamento é realizado tanto por grandes no sistema “quebradão”, que ocorre principalmente na região de São Félix do Xingu, como por pequenos e assentados, que hoje são responsáveis por 15% de total da área desmatada. Como as grandes empresas dão preferência para a produção realizada em escala, com alta tecnologia, não dão atenção aos menores. Precisam ter políticas para disponibilizar assistência técnica aos pequenos.

Questões Direcionadas ao Pesquisador José Ferreira Teixeira Neto

Se é mais barato derrubar a Floresta do que recuperar a pastagem, porque os produtores vão recuperar ao invés de desmatar?

Não é mais barato derrubar. Existe toda uma base de infra-estrutura construída na propriedade como cercas, sede, curral, casas de colonos, e na região como luz elétrica, estradas, frigoríficos. Quando opta por desmatar, além de partir do zero ainda pode ser preso pelo IBAMA. O preço da arroba em regiões novas ou distantes cai para R\$ 32,00/@ enquanto nas regiões mais desenvolvidas está em R\$ 40,00/@. A recuperação das pastagens contempla todos os pontos da preservação ambiental. A pastagem pode estar degradada, mas o solo dificilmente está (10-20%). O problema da pecuária é que os produtores rurais estão descapitalizados, o custo de produção é hoje maior que o valor de venda. (custo de produção do quilo da carne R\$ 0,99 e preço da venda variando entre R\$ 0,53 e R\$ 0,57 – observação feita pelo produtor rural Sr. Virgilino Camargo (Vice-presidente do Sindicato dos Produtores Rurais)).

Porque há o avanço na Floresta?

São vários fatores. Primeiramente a lei absurda dos 80% de reserva legal incentivou o desmatamento no curto prazo. Várias pessoas aproveitaram para desmatar antes que a fiscalização ficasse mais efetiva, levando a um efeito imediato contrário ao que se esperava. O segundo fator é a descapitalização do produtor rural, que não tem dinheiro para investir em recuperação de pastagem, optando por desmatar. Muitas vezes “terceiriza” o desmatamento, ou seja, disponibiliza a área para a retirada de madeira para carvão e, em troca, recebe a área limpa para plantar o pasto, que é bastante produtivo nos primeiros anos compensando as áreas de pastagem degradadas e pouco produtivas.